



O PERFIL DO /S/ EM CODA SILÁBICA EM POSIÇÃO INTERNA E EXTERNA NO FALAR AMAPAENSE

Romário Duarte Sanches (UEAP)¹
romario.sanches@ueap.edu.br

Lizandra Valéria da Silva Fumelê (UEAP)²
valeriefumele123.ap@gmail.com

RESUMO: O artigo tem como objetivo descrever e analisar o perfil fonético do fonema /S/ em coda silábica em posição interna e externa no português falado por amapaenses. Como suporte teórico adotam-se os princípios da Geolinguística (CARDOSO, 2010) e da Geossociolinguística (RAZKY, 2010), além de pesquisas realizadas sobre o fonema /S/ falado no Brasil, sob a perspectiva da Sociolinguística e da Dialetologia. A metodologia empregada corresponde aos mesmos procedimentos adotados pelo Atlas Linguístico do Amapá - ALAP, isto é, foi selecionada uma rede de pontos com 10 localidades do estado do Amapá, respectivamente: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, Tartarugalzinho, Amapá, Calçoene e Oiapoque. Os dados fonéticos foram coletados a partir de entrevistas com 40 informantes, considerando as variáveis sexo (homem-mulher) e idade (18-30 anos e 50-75 anos). Os itens fonéticos analisados para esta pesquisa foram: *casca, estrada, desvio, escola, rasgar, questão, peçoço, costas, caspa, desmaio, mesma, hóspede, esquerdo, luz, arroz, três, dez, colegas, giz, voz, paz*. Com base nos resultados, constatou-se que 95% das realizações do /S/ em coda silábica em posição interna ocorreram de forma palatalizada ([ʃ] e [ʒ]) e apenas 5% indicaram a não palatalização ([s] e [z]). No que diz respeito à posição externa, os dados apresentaram 94% de frequência de palatalização e 6% de não palatalização.

PALAVRAS-CHAVE: Geossociolinguística. Variação fonética-fonológica. ALAP.

ABSTRACT: The article aims to describe and analyze the phonetic profile of the phoneme /S/ in syllabic coda in internal and external position in Portuguese spoken by amapaenses. As theoretical support, the principles of Geolinguistics (CARDOSO, 2010) and Geosociolinguistics (RAZKY, 2010) are adopted, in addition to research conducted on the phoneme /S/ spoken in Brazil, from the perspective of Sociolinguistics and Dialectology. The methodology used corresponds to the same procedures adopted by the Linguistic Atlas of Amapá - ALAP, that is, a network of points was selected with 10 locations in the state of Amapá, respectively: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, Tartarugalzinho, Amapá, Calçoene and Oiapoque. Phonetic data were collected from interviews with 40 informants, considering the variables gender (man-woman) and age (18-30 years and 50-75 years). The phonetic items analyzed for this research were: *casca, estrada, desvio, escola, rasgar, questão, peçoço, costas, caspa, desmaio, mesma, hóspede, esquerdo, luz, arroz, três, dez, colegas, giz, voz and paz*. Based on the results, it was found that 95% of the accomplishments of the /S/ in syllabic coda in internal position occurred in a palatalized form ([ʃ] and [ʒ]) and only 5% indicated non-palatalization ([s] and [z]). With regard to the external position, the data showed 94% of palatalization frequency and 6% of non-palatalization.

¹ Doutor em Letras (Linguística). Professor de Linguística do curso de Letras da Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Contato: romario.sanches@ueap.edu.br

² Acadêmica do Curso de Letras-Francês da Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq. Contato: valeriefumele123.ap@gmail.com.



KEYWORDS: Geosociolinguistics. Phonetic-phonological variation. ALAP.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos geolinguísticos sobre o português falado no Amapá iniciam em 2003 com a aplicação de questionários feita pelo comitê nacional do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, especificamente pela equipe regional do Paraná, comandado pela professora Vanderci Aguilera, da Universidade de Londrina (UEL) e autora do Atlas Linguístico do Paraná (ALPR). Na rede de pontos do ALiB constam duas localidades do Amapá: Macapá e Oiapoque.

Aguilera (2016) relata que, com a ajuda de Rosana Amâncio, conseguiu entrevistar 11 informantes do total de 12, sendo oito informantes em Macapá e quatro no Oiapoque. Esses dados serviram de base para elaboração de um atlas nacional e que já contém seus dois primeiros volumes publicados em 2014.

Após essa primeira investida da pesquisa geolinguística em território amapaense, os estudos começam a se tornar mais evidentes a partir de 2008 com a dissertação de Celeste Ribeiro e em seguida, em 2009, com de Maria Eneida Fernandes. Essa duas dissertações sobre o português falado no Amapá e no Pará estiveram sob a orientação do professor Abdelhak Razky, membro do comitê nacional do ALiB e que tem contribuído amplamente para que novos estudos sejam realizados na região amazônica.

Com o incentivo do professor Abdelhak Razky e o empenho incansável dos professores Celeste Ribeiro e Romário Sanches, foi pensado, elaborado e publicado, em 2017, o primeiro Atlas Linguístico do Amapá – ALAP. Nele é possível apreciar a diversidade linguística por meio de cartas fonéticas e lexicais. No que tange ao mapeamento fonético do ALAP, este estudo busca analisar, numa perspectiva geossociolinguística, as cartas de número F06 e F07 que versam sobre o perfil do fonema /S/ em coda silábica interna e externa.

Contudo, a pesquisa justifica-se pela necessidade de entender a variação fonética no estado do Amapá, bem como estimular novos estudos geolinguísticos na região para que se tenha uma visão macro do português falado na Amazônia. Assim, o trabalho é



composto por cinco seções: introdução, discussão teórica, metodologia, resultados e considerações finais.

1 GEOLINGUÍSTICA E GEOSOCIOLINGUÍSTICA

A Geolinguística pode ser entendida como um método que a Dialetoлогия utilizada para estudar as variações linguísticas dentro um determinado espaço geográfico em que elas ocorrem como aponta Coseriu (1982, p.79):

A geografia linguística designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo [...] e que pressupõe o registro em mapas espaciais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovada mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território [...].

Com base nisso, pode-se assumir um conceito mais atualizado acerca da Geolinguística dado por Cardoso (2010, p. 198) que concebe a geolinguística como “um método da dialetologia para localizar espacialmente as variações das línguas, umas em relação às outras, podendo situar socioculturalmente cada um dos falantes considerados”.

De acordo com Sanches e Ribeiro (2018), na Europa Ocidental, a Geolinguística só passou a ser considerada como uma área de interesse dos estudos linguísticos no final do século XIX e início do século XX. A partir de então, expandiu-se para outros continentes, como a América Latina, sobretudo no Brasil com a elaboração de atlas linguísticos regionais que pudessem servir de apoio para a construção de um atlas linguístico brasileiro.

O Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) foi o primeiro atlas regional publicado em 1963 e que teve como idealizador Nelson Rossi. Mais tarde, foram lançados o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais, no ano de 1977, o Atlas Linguístico da Paraíba, em 1984 e o Atlas Linguístico de Sergipe, em 1987.



A produção de atlas regionais no Brasil foi o ponto fundamental para incentivar a organização do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, iniciado em 1996, na Universidade Federal da Bahia, sob a direção da Professora Suzana Cardoso.

Diante dos avanços da Dialetologia e sua interação com a Sociolinguística, surge uma nova abordagem no Brasil, na qual foi denominada por Razky (1998) de Geossociolinguística. Esta vertente tem como intuito estudar não só a variação geográfica e sim contemplar também a variação social como sexo, idade, escolaridade e outras variáveis.

Para Razky (2010, p.72):

[...] uma perspectiva Geossociolinguística é necessária para compensar os limites de cada uma das duas disciplinas. A Sociolinguística cujo maior parte dos trabalhos no Brasil se detém na dimensão social e local; e a Geolinguística, que se ocupa com o aspecto espacial com uma estratificação social mínima.

Em relação aos estudos geossociolinguísticos no estado do Amapá, segundo Sanches e Ribeiro (2018, p. 205), “os trabalhos que contemplam em seus aparatos teórico-metodológicos os pressupostos geossociolinguísticos ainda são pouco comuns, por ser uma área relativamente nova no estado, tendo, em média, uma década de existência”.

Neste sentido, percebe-se que os estudos geossociolinguísticos ainda estão iniciando no Amapá, ou seja, não se têm muitos trabalhos de abordagem geossociolinguística, no entanto, como frisa Carvalho (2019), é preciso formar e incentivar novos pesquisadores para que se desenvolvam novas pesquisas como forma de ampliar a área de estudo no Amapá.

2 O /S/ EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os fonemas são considerados unidades mínimas das línguas naturais com valor distintivo. Para identificá-los procuramos duas palavras denominadas par mínimo com

significados diferentes, cuja cadeia sonora seja semelhante. Por exemplo, *f*aca e *v*aca, o fonema /f/, quando substituído por /v/, gera outra palavra com sentido diferente.

Sobre o fonema /S/, Silva (2009) afirma que este pode manifestar-se de duas maneiras nas palavras, ora como fricativas desvozeadas [s, ʃ], quando a consoante seguinte for desvozeada, ora como fricativas vozeadas [z, ʒ], quando forem antecedidas por uma consoante vozeada.

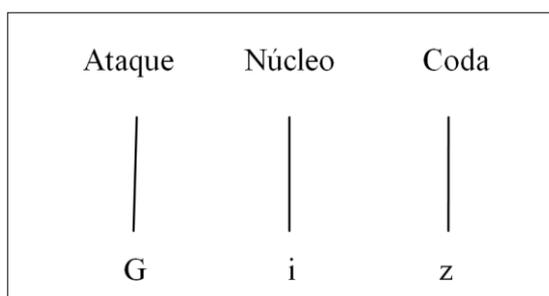
Malberg (1954, p.86) aponta para as diferenças entre as sibilantes [s, z] e as chiantes [ʃ, ʒ]:

[...] o ponto de articulação das sibilantes é nos alvéolos dos dentes superiores, portanto, sendo alveolares, e na parte dura do palato para as chiantes, sendo alveopalatais, ou simplesmente, palatais. Também há diferença de forma do dorso da língua que se abaixa para [s] e se eleva para [ʃ], havendo ainda um arredondamento dos lábios para as chiantes contra o não arredondamento para as sibilantes.

Dessa maneira, é possível entender a funcionalidade do fonema /S/ nas palavras concomitantes com as suas variações fonéticas, no entanto, de acordo com Pedrosa e Hora (2007) quando se trata da posição de coda silábica, apenas as consoantes /r, l, n, s/ e as semivogais podem aparecer, resultando em um ditongo verdadeiro.

Selkirk (1982) *apud* Pedrosa e Hora (2007) enfatiza que o fato da coda silábica ser a posição mais débil da estrutura, ela se torna suscetível as variações dialetais em qualquer posição dentro da palavra, sendo mais recorrente em posição final. Como mostra o exemplo a seguir:

Figura 01 - /S/ em coda final



Fonte: Elaborada pelos autores.

Conforme o exemplo acima se entende que a coda é a consoante que vem após o núcleo (vogal), sendo ele a parte essencial para a construção silábica dentro do vocábulo. No caso do fonema /S/ em coda, os fones podem variar (alofonia), como no vocábulo *giz*, cuja variante [z] é um dos sons fonéticos do /S/. Assim, *giz* pode ser pronunciado como [ʒji] ou [ʒjis] em posição de coda silábica.

Com base nisso, no Brasil, os pesquisadores vêm estudando esse fenômeno linguístico sob diferentes perspectivas. Sob o viés da Sociolinguística e da Dialetologia apresentam-se a seguir alguns estudos sobre a variação do fonema /S/ falado no Brasil, como o de Corrêa (1998), o de Callou, Leite e Moraes (2002), o de Monteiro (2009), o de Bassi (2011), o de Teixeira (2014) e o de Ribeiro (2017).

No estudo de Corrêa (1998), sobre o falar de Brasília, especificamente sobre o fonema em questão, a autora teve como resultado a predominância das fricativas alveolares com 97% de realização, apresentando também uma presença pequena de 2% para a aspirada e 1% para zero fonético.

No texto de Callou, Leite e Moraes (2002), de natureza sociolinguística quantitativa, os autores investigaram o fonema /S/ do português falado em cinco capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador), através do *corpus* do projeto Norma Urbana Oral Culta (NURC). Como resultados, eles constataram que em São Paulo a variante predominante foi a fricativa alveolar com 88% em contexto medial e 91% em contexto final. Já no Rio de Janeiro a predominância foi da palatal tanto na posição medial com 90% de frequência quanto na posição final com 75%. Em Porto Alegre predominou a realização da variante alveolar com 77% de frequência em posição medial e 96% em posição final. No Recife a variante mais frequente foi a palatal com 84% de realização em posição medial e 54% em posição final. Por último, Salvador que apresentou um dado interessante, pois em contexto medial a variante predominante foi a palatal com 56%, no entanto, em contexto final predominou a variante alveolar com 51% de frequência.

Na pesquisa de Bassi (2011), de cunho sociolinguístico e geolinguístico, a autora apresenta a palatalização da fricativa em coda silábica no falar de Florianópolis e Rio de

Janeiro e concluiu que a palatalizada ocorreu com 87,8% de frequência no falar dos cariocas e 65,3% no falar dos florianopolitanos.

No trabalho de Teixeira (2014), de perspectiva geolinguística, a autora fez um levantamento do fonema /S/, em contexto medial e final, a partir do mapeamento fonético realizado em 12 atlas linguísticos regionais. Assim, ela constatou a presença da variante alveolar em contexto medial com maior ocorrência no Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) com 62%, no Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG) com 100%, no Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB) com 53%, Atlas Linguístico do Paraná I (ALPR I) com 99%, no Atlas Linguístico da Região Sul (ALERS) com 90%, no Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM) com 57%, Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS) com 97% e no Atlas Linguístico do Paraná II (ALPR II) com 87%.

No que tange à realização da variante palatal, ainda em contexto medial, esta ocorreu de modo predominante no Atlas Linguístico de Sergipe I (ALS I) com 61%, no Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA) com 65%, no Atlas Linguístico de Sergipe II (ALSII) com 68% e no Atlas Linguístico do Estado do Ceará (ALECE) com 93% de palatalização do fonema /S/.

Teixeira (2014) também apresenta este fenômeno em contexto final, com a realização alveolar, constatando que na maioria dos atlas linguísticos regionais essa variante ocorreu no APFB com 54%, no EALMG com 95%, no ALPB com 48%, no ALS I com 46%, no ALPR I com 72%, no ALERS com 98%, no ALAM com 50%, no ALS II com 75%, no ALMS com 99% e no ALPR II e no ALECE com 100%. No caso da realização palatal, esta ocorreu com maior frequência somente no ALISPA com 57%.

Em relação aos trabalhos sobre o perfil do fonema /S/ no estado do Amapá, tem-se o estudo de Monteiro (2009) realizado em Macapá e de Ribeiro (2017) realizado em Oiapoque.

Monteiro (2009) analisa o *corpus* do projeto Vozes do Amapá que coletou dados de fala referentes a 16 informantes macapaenses, considerando as variáveis sexo, faixa etária e anos de escolarização. Como resultado, a autora afirma que de um total de 2.443 ocorrências do fonema investigado, 1755 delas tiveram realização da variante palato-

alveolar, seguida de 473 ocorrências para as variantes alveolares, 123 para realização da variante glotal e somente 92 ocorrências do zero fonético.

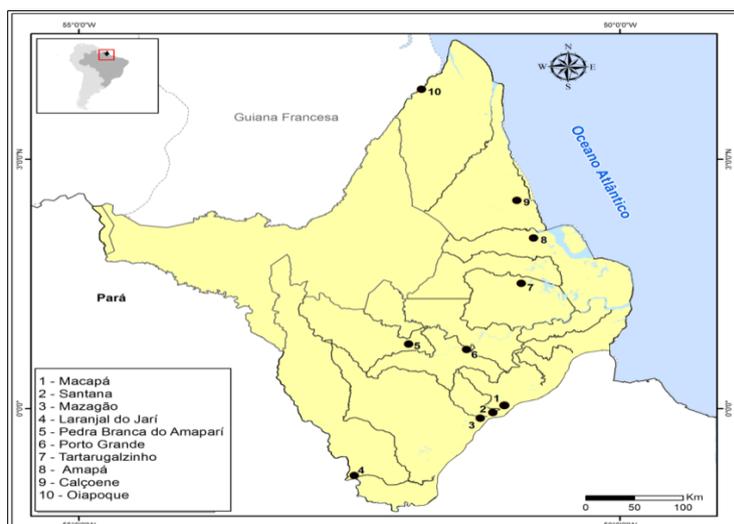
No artigo de Ribeiro (2017), ao analisar o /S/ em posição externa no falar Oiapoquense, a autora constatou que houve a predominância da variante palatal surda/sonora com 65 ocorrências, seguido do zero fonético com 20 ocorrências e da realização da variante alveolar com 13 ocorrências.

Esse panorama de trabalhos já realizados sobre o fonema /S/ em coda silábica, seja em posição medial, seja em posição final, é importante para caracterizar o comportamento e o perfil fonético dos falares no Brasil, podendo indicar as tendências de uso do português brasileiro em diferentes espaços geográficos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada nesta pesquisa corresponde aos mesmos procedimentos adotados pelo Projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP), com a seleção de 10 localidades, sendo respectivamente: (01) Macapá, (02) Santana, (03) Mazagão, (04) Laranjal do Jari, (05) Pedra Branca do Amapari, (06) Porto Grande, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene e (10) Oiapoque. Como mostra a figura 02.

Figura 02- Pontos de inquérito



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 53) (adaptado pelos autores).



Para a realização da pesquisa de campo do ALAP foram entrevistados 40 informantes por meio de um questionário de cunho fonético-fonológico e semântico-lexical. Para a seleção dos informantes foram controladas as variáveis: sexo (homem-mulher) e idade (18-30 anos e 50-75 anos).

No que diz respeito ao objeto de estudo desta pesquisa foram selecionadas as cartas fonéticas F06 e F07 do ALAP. Nelas é possível observar o perfil do fonema /S/ em coda silábica em posição interna e externa. Para carta F06 os vocábulos considerados foram: *casca, estrada, desvio, escola, rasgar, questão, pescoço, costas, caspa, desmaio, mesma, hóspede e esquerdo*. Já para carta F07 foram: *luz, arroz, três, dez, colegas, giz, voz e paz*.

A princípio, utilizaram-se os programas Excel e Word como suporte tecnológico para organização dos dados. Esses programas ajudaram a quantificar o número de ocorrências das variantes fonéticas e a elaborar tabelas e gráficos que pudessem ilustrar a presença e ausência do fonema /S/ conforme a faixa etária (variação diageracional) e sexo dos informantes (variação diassexual). Espera-se em breve poder quantificar esses dados em programas estatísticos específicos como Golvarb, VARBRUL ou Programa R.

Vale mencionar que a frequência das realizações do fenômeno será apresentada conforme seu número de ocorrência total, e quando necessário, o número em porcentagem. Para apresentação da variação diatópica, optou-se por não utilizar as porcentagens em razão de que essa frequência obtida pelo programa Excel leva o leitor a uma interpretação equivocada dos resultados.

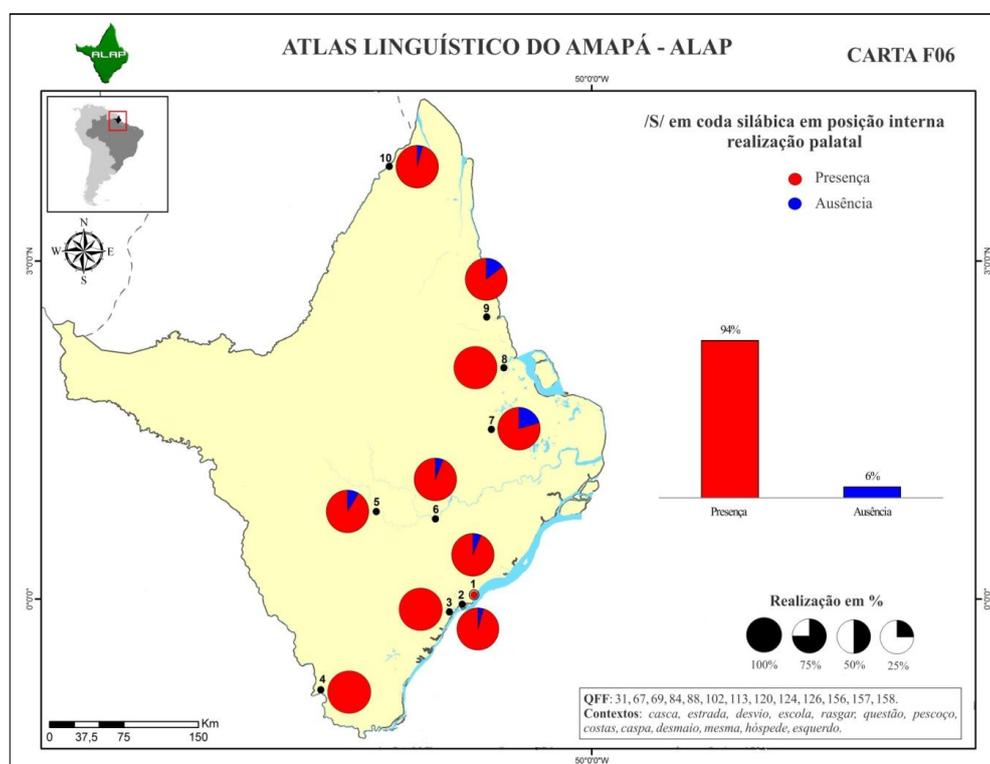
4 PERFIL DO FONEMA /S/ NO PORTUGUÊS FALADO NO AMAPÁ

Nesta seção, apresenta-se o perfil do fonema /S/ em coda silábica em posição interna e externa no falar amapaense por meio da descrição e análise das cartas F06 e F07 do Atlas Linguísticos do Amapá, buscando evidenciar a variação diatópica, diassexual e diageracional.

4.1 O /S/ EM CODA SILÁBICA EM POSIÇÃO INTERNA

A primeira carta analisada diz respeito à carta F06 sobre o /S/ em coda silábica em posição interna. Nesta carta é possível descrever a variação geográfica do fonema /S/, como mostra a figura abaixo:

Figura 03 – Carta F06 (/S/ em coda silábica em posição interna)



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 60).

Para facilitar a leitura, vale mencionar que na figura 03 o símbolo em formato de círculo nas cores vermelho e azul indicam a presença ou a ausência da realização palatal do fonema /S/, isto é, em contexto interno, como em *casca*, o fonema /S/ pode ser realizado com a variante [ʃ] ou [s], nos casos de presença da palatal a carta indicará na cor vermelha que o vocábulo em questão foi realizado com o [ʃ] ([kaʃka]), no caso de ausência da palatal a carta indicará na cor azul que o vocábulo foi realizado com [s] ([kaska]).

Assim, tem-se na figura 03 que a presença do /S/ palatalizado em coda silábica em posição interna ocorreu com 100% de realização (42 ocorrências) em Mazagão, Laranjal do Jari (04) (com 42 ocorrências) e no município de Amapá (09) (com 51 ocorrências).

Os demais municípios selecionados para a pesquisa também apresentaram um percentual bastante elevado em relação à palatalização, porém também apresentaram ocorrências para ausência de palatalização, como em Oiapoque (10), cuja frequência apareceu com 48 ocorrências de presença de palatalização e um ocorrência de ausência; em Porto Grande (06) com 47 ocorrências de presença de palatalização e três de ausência; em Macapá com 43 ocorrências de presença de palatalização e três de ausência; em Santana (02) com 42 ocorrências de presença de palatalização e três de ausência; e, em Calçoene (09) com 32 ocorrências de presença de palatalização e duas de ausência.

Já os municípios de Pedra Branca do Amapari (05) e Tartarugalzinho (07) apresentaram níveis mais baixos de palatalização, o primeiro apareceu com 43 ocorrências de presença de palatalização e quatro de ausência. O segundo ocorreu 87% de presença e 13% de ausência. Para sintetizar esta descrição diatópica apresenta-se a seguir a tabela 03:

Tabela 03– Números de ocorrências por localidade

LOCALIDADES	PRESENÇA DO /S/ PALATALIZADO	AUSÊNCIA DO /S/ PALATALIZADO
	Ocorrências	Ocorrências
1. Macapá	43	3
2. Santana	42	3
3. Mazagão	42	0
4. Laranjal do Jari	47	0
5. Pedra Branca do Amapari	43	4
6. Porto Grande	46	3
7. Tartarugalzinho	40	6
8. Amapá	51	0
9. Calçoene	32	2
10. Oiapoque	48	1
Total	434	22

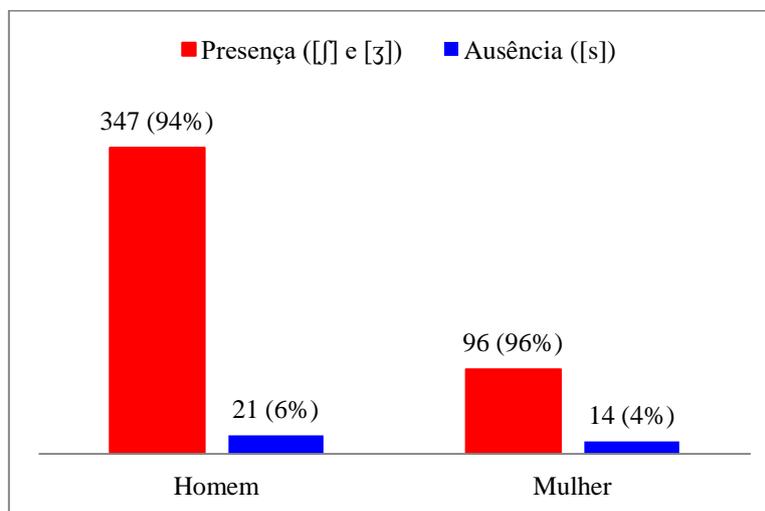
Fonte: Elaborado pelos autores.

Como se pode observar acima, a presença de palatalização do /S/ em todos os pontos pesquisados ocorreu com um total de 434 em detrimento de 22 ocorrências de ausência.

Tendo em vista a necessidade de apresentar os resultados para além da variação diatópica, este estudo também buscou mostrar a variação social do fenômeno fonético em foco com o intuito de verificar se há influência ou não das variáveis faixa etária e sexo na realização do fonema /S/ em coda silábica em posição interna.

O primeiro fator analisado é a variação diassexual que leva em conta o sexo dos informantes (homem x mulher), assim observa-se que a presença de palatalização ocorreu com maior frequência na fala de homens com 347 de ocorrências, já na fala das mulheres obteve-se 96 de ocorrências de palatalização. Sobre a ausência, na fala dos homens a frequência diminuiu para 21 ocorrências e na fala das mulheres para 14 ocorrências. Como se visualiza no gráfico abaixo:

Gráfico 01 – O fonema /S/ em posição interna conforme a variável sexo

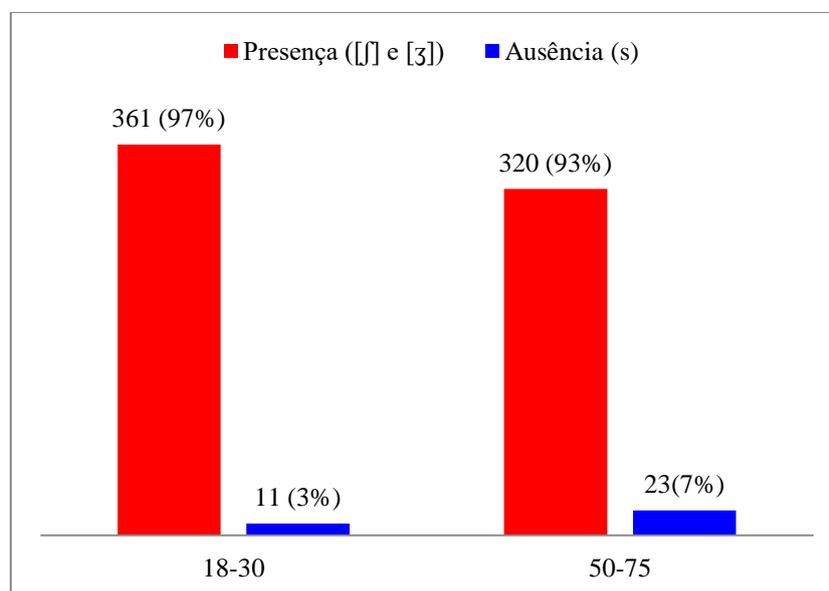


Fonte: Elaborado pelos autores.

Em relação aos dados sobre a variação diageracional, que leva em consideração a idade, considerou-se a faixa etária I com informantes de 18-30 anos e a faixa etária II com informantes de 50-75 anos. Assim, o estudo mostra que houve a predominância de palatalização do fonema /S/ na fala dos informantes de primeira faixa etária (18-30

anos) e também na fala dos de segunda faixa etária (50-75 anos). Na primeira geração ocorreu com 361 de presença e 11 de ausência. Já na segunda geração ocorreu com 320 ocorrências de presença e 23 de ausência. O gráfico a seguir mostra a frequência de realização da palatalização do /S/ conforme a faixa etária.

Gráfico 02 – O fonema /S/ em posição interna conforme a variável faixa etária



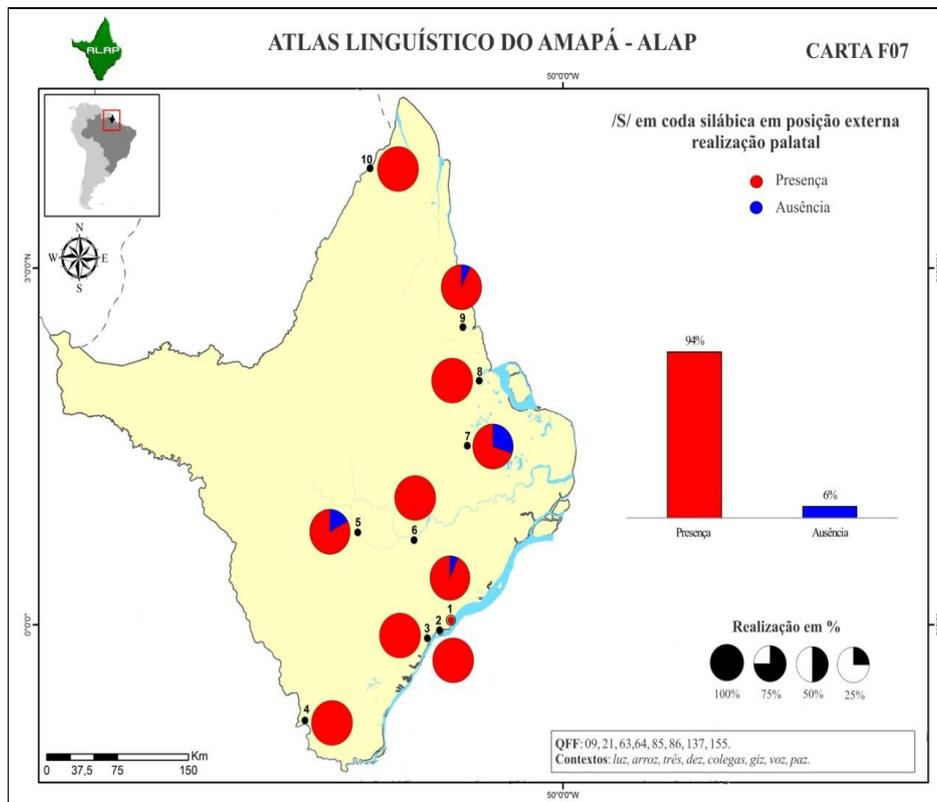
Fonte: Elaborado pelos autores.

Pode-se inferir diante da descrição da variação social do fonema /S/ em posição interna no português falado por amapaenses que tanto homens como mulheres, independente da faixa etária, realizam com maior frequência a palatalização do /S/ em coda. No caso da não realização desse fenômeno o gráfico 2 apresenta uma pequena alteração quando comparado os gráficos entre a faixa etária I e II. Isso pode indicar que os informantes mais velhos tendem a não realização da palatalização do /S/.

4.2 O /S/ EM CODA SILÁBICA EM POSIÇÃO EXTERNA

A segunda carta analisada diz respeito à carta F07 sobre o /S/ em coda silábica em posição externa. A carta descrever a variação geográfica do fonema supracitado, conforme figura abaixo:

Figura 04 – Carta F07 (/S/ em coda silábica em posição externa)



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 61).

A partir da análise da carta F07 pode-se observar, de modo geral, que em seis localidades do estado do Amapá houve a realização de 100% de palatalização do fonema /S/ em coda silábica em posição externa, isto é, não houve nenhuma ocorrência de ausência do /S/ palatalizado.

Na localidade Macapá (01), o resultado é bastante considerável em relação à palatalização do /S/, aparecendo com o total de 20 ocorrências de presença do

fenômeno. Nesta mesma localidade também é possível observar uma frequência mínima para ausência de palatalização, com 2 ocorrências.

Em relação às localidades de Pedra Branca do Amapari (05) e Tartarugalzinho (07), destacam-se por apresentarem um número mais elevado de ausência de palatalização. A primeira apareceu com 5 ocorrências e a segunda com 9 ocorrências. A tabela a seguir mostrar o número de ocorrência de presença e ausência do /S/ por localidade:

Tabela 04 – Números de ocorrências por localidade

Localidades	PRESENÇA DO /S/ PALATALIZADO	AUSÊNCIA DO /S/ PALATALIZADO
	Ocorrências	Ocorrências
1. Macapá	20	2
2. Santana	30	0
3. Mazagão	27	0
4. Laranjal do Jari	30	0
5. Pedra Branca do Amapari	23	5
6. Porto Grande	31	0
7. Tartarugalzinho	21	9
8. Amapá	30	0
9. Calçoene	31	0
10. Oiapoque	30	0
Total	273	16

Fonte: Elaborado pelos autores.

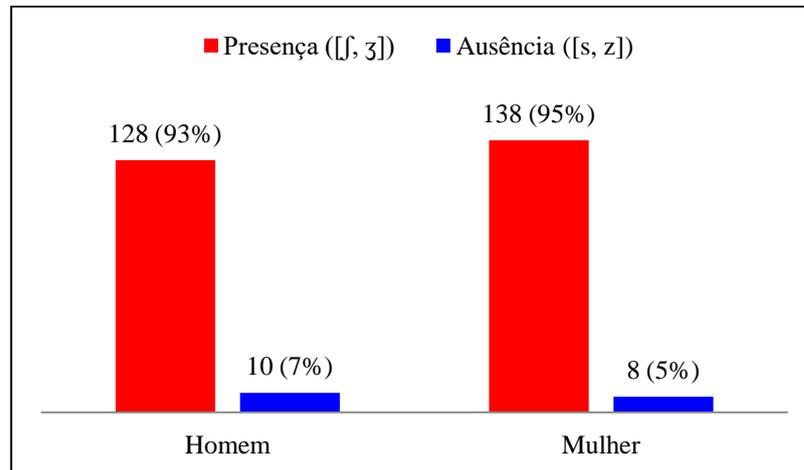
Com isso, pode-se afirmar que no português falado no Amapá, a partir dos dados do ALAP, 94% (273) das ocorrências do fenômeno estudado indicam a presença de palatalização do /S/ em contexto externo e apenas 6% (16) de ausência da palatalização.

Assim como foi feito na subseção 4.1, nesta serão apresentados a seguir a descrição do perfil do /S/ em coda silábica em posição externa em confluência com as variáveis sexo e faixa etária.

Em relação à variação diasssexual, observa-se, mediante o gráfico 03, que os dados referentes ao fator sexo não influenciaram na realização do fenômeno, os resultados mostraram que na fala das mulheres houve 138 ocorrências de presença de palatalização [ʃ, ʒ] e 8 ocorrências indicando o /S/ não palatalizado [s, z]. Já na fala dos homens houve 128 ocorrências de palatalização com uma diferença de dez ocorrências a

menos quando comparado ao número encontrado na fala das mulheres. A seguir o gráfico 03:

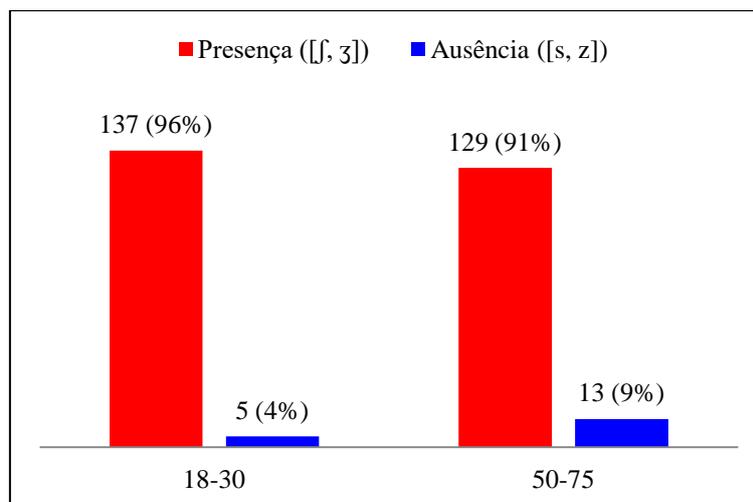
Gráfico 03 – O fonema /S/ em posição externa conforme a variável sexo



Fonte: Elaborado pelos autores.

Mediante ao estudo da variação diageracional, observou-se que na faixa etária I (18 – 30) houve a presença de 137 ocorrências de palatalização [ʃ, ʒ] e 5 ocorrências de não palatalização [s, z]. Ao que concerne à faixa etária II (50 – 75) houve 129 ocorrências, indicando a presença de palatalização e 13 ocorrências indicando a ausência, como mostra o gráfico 04.

Gráfico 04 – O fonema /S/ em posição externa conforme a variável faixa etária



Fonte: Elaborado pelos autores.



A partir desses resultados, entende-se que nas duas faixas etárias pesquisadas há a predominância do /S/ em coda silábica em posição externa, no entanto, quando se observa o número de ocorrência para não palatalização do /S/, nota-se que há certa predominância, mesmo com diferença mínima, na fala dos informantes de segunda faixa etária, ou seja, os informantes mais velhos tendem utilizar o /S/ não palatalizado como em [kɔ'legas], ['luz], ['tres], ['paz], etc.

Para confirmação dessa tendência em relação ao /S/ não palatalizado na fala dos informantes de faixa etária II, seja em posição externa, seja posição interna, é necessário coletar mais dados e verificar minuciosamente se há realmente influência do fator idade na realização do /S/ e porque essa característica não se expressa na fala dos informantes jovens. Seria uma mudança em curso?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados mencionados na pesquisa, pode-se perceber que o fonema /S/ em coda silábica em posição interna e externa no português falado no Amapá tende a ser realizados de forma palatalizada ([ʃ] e [ʒ]), isto é, trata-se de um falar com (S) “chiado”. As cartas fonéticas analisadas também indicaram uma frequência baixa para não palatalização ([s] e [z]), que por sua vez teve maior destaque nas localidades de Tartarugalzinho e Pedra Branca do Amapari. Essa realização do /S/ não palatal, pode ser explicada com base nas características populacionais dessas duas localidades que recebeu e ainda recebe muitos migrantes do nordeste brasileiro para trabalhar na mineração ou no comércio local.

No que diz respeito à variação diassexual, constatou-se que a presença do /S/ palatalizado ocorreu de forma predominante tanto na fala de homens como na de mulheres. No caso da variação diageracional, constatou-se também que a predominância da palatalização não está condicionada ao fator faixa etária, no entanto, a ausência de palatalização apresentou uma leve tendência na fala de informantes de segunda faixa etária (50-75 anos).



Por fim, como forma de aprimorar este estudo, espera-se em breve poder comparar os resultados encontrados aqui com outros estudos já realizados no Amapá como o de Monteiro (2009) e de Ribeiro (2017). Espera-se também que novos dados sejam acrescentados ao *corpus* do Projeto ALAP e de preferência passem a ser tratados com o auxílio de programas estatísticos específicos, como Golvarb, VARBRUL ou Programa R, fortalecendo e acompanhando o rigor metodológico das pesquisas variacionistas no Brasil.

REFERÊNCIAS

- BASSI, A. **A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca**: uma abordagem fonológica e geolinguística. Dissertação de Mestrado - Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Processo(s) de Enfraquecimento Consonantal no Português do Brasil. *In*: ABAURRE, M. B. M., RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.) **Gramática do Português Falado**. Volume VIII. Campinas: UNICAMP, 2002. p. 537-555.
- CARDOSO, A. S. Dialetoлогия. *In*: MOLLICA, M.; FERRAREZI JR, C. **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016.
- CARVALHO, M, S. **Metaplasmos Contemporâneos na fala de Amapaenses**: uma análise geossociolinguística. Graduação (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade do Estado do Amapá (UEAP), 2019.
- CORRÊA, C. da C. **Focalização dialetal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do [s] pós-vocálico**. UnB. Dissertação de Mestrado, 1998.
- COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**: estudos de teoria e metodologia lingüística. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982.
- HORA, D. da. **Fonética e Fonologia: a gramaticalização dos processos fonéticos**. Relatório final de Pós-Doutorado. Amsterdam: Vrije Universiteit, 2000.
- HORA, D da; PEDROSA, J, L. **Análise do /S/ em Coda Silábica: Uma Proposta de Hierarquização dos candidatos gerados**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Edição especial n. 1, 2007.
- MALBERG, B. **A fonética**. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.
- MONTEIRO, R, C, N. **A produção palato – alveolar de /s/ nas vozes do Amapá**. Ufbb Dissertação de Mestrado, 2009.



RAZKY, A.; COSTA, E. O. da; OLIVEIRA, M. B. de. Variação de cigarro de palha no atlas linguístico do Brasil. *In*: RAMOS, C. de M. de A.(Org.) **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas.** São Luís; EDUFMA, 2010.

RIBEIRO, C. R. **O /s/ em coda silábica em posição externa no falar Oiapoquense.** Revista Sociodialeto. Volume 7 n.20, 2017.

SANCHES, R. D; RIBEIRO, C. M. R. Geolinguística no Amapá: da área urbana à indígena. *In*: DE SÁ, E. J.; OLIVEIRA, M. B.; SANCHES, R. D. (Orgs.) **Diversidade linguística em comunidades tradicionais: homenagem à Suzana Cardoso.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** São Paulo: Contexto, 2009.

TEIXEIRA, R. O. **Análise Comparativa do /S/ Pós-Vocálico nos dados de Atlas Linguísticos, dados do Alib e Pesquisas Sociolinguísticas.** Graduação (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA) 2014.

Recebido Para Publicação em 18 de março de 2020.

Aprovado Para Publicação em 13 de maio de 2020.